

## MEMÓRIA DA PASTORAL DE JUVENTUDE DE FORTALEZA: FORMAÇÃO DE LIDERANÇA LEIGA E CONEXÃO COM A REDE ESCOLAR

José de Medeiros Neto<sup>1</sup>  
Faculdade 7 de Setembro

### Introdução: da Experiência à Construção Histórica

Na cidade de Fortaleza existiu um movimento que veio a ser um fenômeno educacional. Eu sempre quis escrever sobre esse assunto sob a forma de memórias de uma época que teve grande relevância social para a vida dos jovens que por essa experiência passaram. Quando nos encontramos com companheiros de época, terminamos por discutir o quanto esse movimento influenciou os nossos percursos profissionais, inclusive levando muitos de nós ao magistério. Isso faz lembrar uma poesia que diz:

Nossa geração teve pouco tempo  
Começou pelo fim  
Mas foi bela a nossa procura  
Ah! Moça, como foi bela a nossa procura  
Mesmo com tanta ilusão perdida  
Quebrada,  
Mesmo com tanto caco de sonho  
Onde até hoje  
A gente se corta (Alex Polari) <sup>2</sup>

Na década de 70, emerge um movimento de jovens nas paróquias de quase todo p Brasil. Na cidade de Fortaleza, a partir da iniciativa de três religiosos canadenses, centralizado na Arquidiocese de Fortaleza, iniciou-se uma série de retiros voltados para os jovens na maioria estudantes secundaristas, que acontecia em fins-de-semana, no princípio no Convento Jesuíta na cidade de Baturité, passando depois à “Porciúncula”, casa de encontro das Irmãs Capuchinhas, onde se recorria a palestras, brincadeiras e orações, com vistas a tocar a nossa emoção. Normalmente a gente chegava na sexta à noite no convento/casa de encontros e ficávamos distribuídos em quartos coletivos e, logo éramos reunidos sob a tutela de um dirigente/animador que aparecia sempre no começo, nos intervalos e no final. Cantos e violão fazem parte desse trabalho.

Quanto ao seu formato doutrinário, o mesmo era composto de palestras e orações dirigidas com temas diversos indo do teológico ao social e ético, onde podemos citar três palestras como simbólicas do processo: “*Jovens no mundo*

*de hoje*”, onde havia uma apresentação sobre a sociedade de consumo e a inserção do jovem nela, o tom era moralista, criticando desde o consumismo à permissividade; “*História da salvação*”, onde era feito um rápido histórico do desenvolvimento da doutrina cristã; “Jesus Cristo”, ponto alto do encontro, era um jovem mais antigo dentro do movimento que dava essa palestra, devendo ter um conteúdo teológico; a esta palestra geralmente seguia-se de um rito penitencial e o momento de reflexão, havia uma preparação para o “deserto” momento de isolamento, em que cada um fica consigo, pensa nos próprios pecados, podendo até escrevê-los e apontar soluções. Depois tinha um rito penitencial, com uma pira de fogo numa bacia, em que, cada um leva o seu papelzinho dos pecados e queima, guardando o papelzinho de suas propostas. Acontecia num fim de tarde, e deixava a todos em estado emocional de nirvana, após uma noite e uma manhã em que você é estimulado a se entregar a Jesus Cristo.

Havia também palestras de cunho teológico-ético prático como as de “*Sexo*” e a sobre relacionamento “*Pais e filhos*”, ministradas por padres freiras ou um casal, chamado de “casal de apoio”, que nos acompanhava todo o encontro. O retiro encerrava-se com a palestra: “*O quarto dia*” onde era ressaltado que apesar daquele momento de confraternização vivida por todos nós a vida continuava a mesma que havíamos deixado antes de entrar encontro. Depois, havia uma oração final, onde chorar era importante, parecia que servia de termômetro medindo o teor de percepção religiosa adquirido. Preparavam-se músicas para tocar no ônibus e no retorno, no auditório da Arquidiocese, Seminário da Prainha. Era escolhido um rapaz ou moça mais participativa no encontro para falar em nome dos participantes. Entrávamos triunfalmente em fila de dois e havia os convidados, pais, namorados, amigos, os encontristas recebiam o evangelho. Todos emocionados num misto de risinhos e chorosos.

Com o tempo vão sendo introduzidas mudanças nos retiros, em especial, na fase do “deserto”, onde passamos a apresentar a visão científica do martírio da Paixão de Cristo, palestra feita por algum estudante da área médica, que acontecia em torno dos estudos feitos sobre o Sudário de Turim.

Continuando a maratona do pós-encontro, encontrávamos aos sábados, o incentivo ao assumir a pastoral nas paróquias era a constante nas reuniões. Alguns se engajavam em encontros, palestras, assistência à favelas, onde faziam filantropias. Era, como usávamos na época a expressão, “se tocar para Deus”. Esses encontros eram cha-

mados de “Despertar”. Havia também retiros mais profundos para os já “despertados” chamado de “Reencontro”, que juntavam 2 ou 3 grupos de encontristas, e havia um trabalho diferenciado vendo o que cada um está fazendo novos contatos, propostas de engajamento, pastoral etc. Além dos Treinamentos de Liderança Cristã (TLC), voltado para a formação de líderes leigos para as paróquias que também abrigava os jovens iniciados na pastoral.

As equipes eram constituídas de um grupo de coordenação principal, sempre compostas por jovens. A maioria dos palestrantes eram jovens (entre 16 e 25 anos). A turma que tocava violão e conseguia enfrentar um auditório virava “animador”, mas este poderia também dar palestras (um status superior). Acompanhava-nos um padre, uma freira, e um casal de apoio. Do lado de fora havia um grupo, responsáveis para dar boas vindas, que preparava a chegada dos “encontristas”, a missa, as músicas, etc. Outro grupo da Arquidiocese que preparava os líderes dos encontros mantinha a continuidade, esses eram conhecidos como “Grupo de Acompanhamento de Encontros”. Entre nossas minhas memórias uma é muito viva e agradável: havia uma camiseta que todos faziam questão de comprar e dizia: “Amarre seu vagão a uma estrela!” Sentíamos fazendo parte de algo, isso era muito bom.

O movimento ficou tão famoso entre os jovens da classe média, que logo foi para os colégios que começaram a se organizar em seus encontros e, conseqüentemente seus grupos: que aos poucos foram tomando o lugar da Arquidiocese na organização desses encontros.

Hoje, com um olhar retrospectivo e distanciado sobre a experiência pastoral aqui enfocada, pode-se ver os desdobramento desse trabalho educativo da Igreja Católica em Fortaleza, estes podem ser encontrados na marca dos relatos sobre o que esse movimento deixou para os jovens que, na época, dele participaram: a oralidade e a retórica; o intelectualismo; a busca pelo estudo das Ciências Humanas até mesmo por alunos de outras áreas e no Magistério de 2º e 3º graus, na vida parlamentar e partidária. Junto a eles, protagonistas e testemunhas dessa experiência realizamos um trabalho de memória e pesquisa educacional, resgatando a experiência dos que passaram pelo hiato, em plena Ditadura Militar, entre os jovens politicamente engajados e a alienação.

A decisão de realizar uma pesquisa e registrar a memória da experiência relatada tem como objetivo principal o resgate histórico, sobre o prisma da história oral, para compreender a estratégia pedagógica utilizada na ação pasto-

ral da Igreja Católica nas décadas de 70 e 80, do século XX, junto ao segmento jovem de classe média e escolarizado de Fortaleza e seus desdobramentos no âmbito da rede escolar privada, do que resultou um grupo de profissionais que se destaca, ainda hoje, por sua inserção no campo do ensino e da política da cidade.

## Memória e História

Memória é um conceito muito ligado à história, a tal ponto que chega a ser confundido com a própria história, que surge em si na memória dos indivíduos e dá a ela continuidade. As relações desenvolvidas entre história e memória são materializadas a partir de atos individuais e coletivos, portanto, também políticos, como diz Jacques Le Goff:

*A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. LE GOFF, 2003, p.471)*

Memória é tudo o que se encontra em nossas reminiscências, além de nossa capacidade de lembrar. Na mitologia grega, a memória era uma deusa, *Mnemosine*, que gerou, com *Zeus*, nove musas. No campo biológico, é o processo de aprender, armazenar e recordar uma informação. *A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas* (LE GOFF, 2003, p.419)

Memória não é história. Memória é o que registramos de forma orgânica em nosso cérebro. *Uma história é a narração, verdadeira ou falsa, com base na “realidade histórica” ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula* – (LE GOFF, 2003, p.18), narração esta que montamos a partir de nossas lembranças; seria um construto do que recordamos, portanto história é a maneira como organizamos e traduzimos para o outro aquilo que reconhecemos em nossa memória. É a reconstrução dessa memória através de uma narrativa, individual ou coletiva.

Memória tampouco representa um depósito de tudo o que nos aconteceu. A memória é, por excelência, seletiva. Guardamos aquilo que, por um motivo ou por outro, tem – ou teve – algum significado em nossas vidas. Ela constitui o suporte fundamental da identidade individual e coletiva.

Para Henri Bergson, o que é relativo à memória, passa por graus insensíveis, das lembranças, dispostas ao longo do tempo, aos movimentos que desenham sua ação nascente ou possível no espaço, desta forma a memória apresenta-se de duas formas: *Representação* e *Ação*, onde a representação imagina, é uma lembrança espontânea ligada à leitura e aos fatos, é a memória propriamente dita, enquanto a ação apenas repete, é a lembrança apreendida – que gera automatismos –, é o hábito esclarecido pela memória.

A lembrança espontânea é imediatamente perfeita; o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data. Ao contrário, a lembrança apreendida sairá do tempo à medida que a lição for melhor sabida; tornar-se-á cada vez mais impessoal cada vez mais estranha à vida passada. (BERGSON, 1990, p. 64)

Em resumo, para Bergson o passado armazena-se de um lado como *mecanismos-motores*, que utilizam o próprio passado para configurar-se em ação e as *imagens-lembranças* pessoas que registram tudo (BERGSON, 1990, p.74)..

As noções de história e memória articulam-se para dar uma continuidade aos processos sociais relativos à interpretação do passado, para o registro de biografias, para refletir a história enquanto ciência humana e constrói identidades culturais e nos leva a compreender os movimentos humanos que nos levam em uma constante evolução e devir, fazendo do historiador o guardião da história, título este que transpassa os séculos, como mostra Peter Burke:

A visão tradicional da relação entre história e a memória é relativamente simples. A função do historiador é ser o guardião da memória dos acontecimentos públicos quando escritos para proveito dos atores, para proporcionar-lhes fama, e também em proveito da posteridade, para aprender com o exemplo deles. A história, como escreveu Cícero em um trecho que se tem citado desde então (De oratore, ii. 36), é a 'vida da memória' (vita memoriae). Historiadores tão diversos quanto Heródoto, Foissart e Lord Claredon afirmaram que escreviam para manter viva a memória de grandes feitos e grandes fatos. (BURKE: 2000, p.69)

O trabalho com memória, por sua vez, remete à discussão sobre história oral, estando a ela umbilicalmente li-

gada. Tratando do assunto, Thompson cuida de ressaltar que o acesso à memória como fonte de pesquisa histórica requer a compreensão acerca da importância da oralidade, até porque depende de testemunhos e depoentes, reservatório social do passado não escrito.

*Como escolhemos a quem ouvir? A história sobrevive como atividade social apenas por ter hoje um sentido para as pessoas. A voz do passado tem importância para o presente. Mas de quem é a voz – ou de quem são as vozes – que se deve ouvir? (THOMPSON: 2002, p.10)*

A história oral como método não, necessariamente, pretende apresentar essa ou aquela política, mas ser uma complementação para o pesquisador, ampliando a consciência de que os fatos acontecem dentro de um contexto social e, portanto, tem implicações políticas. Thompson acrescenta que:

*Toda história depende, basicamente, de sua finalidade social. (...) Por vezes, a finalidade social da história é obscura. (...) No outro extremo, a finalidade social da história pode ser bastante espalhafatosa: utilizam-na para justificar a guerra e a dominação, a conquista territorial, a revolução ou a contra-revolução, o domínio de uma classe ou raça por outra. Quando não existe história alguma disponível, ela é criada. (THOMPSON: 2000, p.20-21)*

Assim a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória, tanto social como individual, na voz dos seus próprios agentes, conseqüentemente contribuindo para com a compreensão também na história nacional, mas aqui não implica que a história oral seja o instrumento de revoluções, mas é utilizada como complemento valioso na compreensão

*A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja realizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser o meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história. (THOMPSON: 2000, p. 22)*

Memória oral é a verbalização da nossa memória. É o processo da lembrança e da oralidade de nossas recordações. É a forma de registro mais primordial que possuímos. De forma seletiva, grupos e indivíduos articulam suas experiências passadas formulando uma narrativa histórica acerca de suas trajetórias. Esta narrativa é construída e reconstruída segundo nossas perspectivas presentes e ao mesmo tempo constitui a base a partir da qual vislumbramos nosso futuro. A memória oral representa a forma mais antiga e mais humana de transmissão e consolidação dessa narrativa. A preservação da memória, a reconstrução do passado, leva as pessoas a terem um novo olhar diante do velho, do antigo, das marcas do passado, o novo e o velho juntos.

Ecléa Bosi em seu livro: *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, não deixa dúvidas quanto à importância social da memória, as lembranças do indivíduo que passa para as novas gerações, transforma-se em memória coletiva e reforçam as lembranças, contribuindo então para a compreensão da história, podemos aqui também constatar a função social da velhice, que nem sempre é reconhecida, mas que tem arquivado como um filme o tempo passado, A memória do idoso é uma construção de pessoas experientes, que já que já trabalharam que já foram membros ativos da sociedade, deixando ao velho uma nova função social: a de registro vivo, lembrar e contar para os mais jovens a sua história, o que fizeram e aprenderam, tornando-se assim a memória da família, do grupo, da sociedade. Esse registro é de vital importância como apresenta Ecléa Bosi:

**Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode proceder e acompanhar a evocação. Um a lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas a reparação. (BOSI: 2003, p. 81)**

A relevância dos estudos de memória individual no resgate de determinados momentos históricos e na compreensão da história de uma coletividade, já que o ser humano, ator e construtor de sua história, por ser animal gregário, contribui para a construção social.

## III. A Ação pastoral da Igreja Católica

### a) Documentos oficiais

O princípio de toda pregação católica é fundado numa ordem primordial sob a forma imperativa de Jesus Cristo: “Ide e pregai o evangelho”. Essa ordem é dirigida aos discípulos, quebrando a noção de um Deus provinciano, restrito ao povo judeu. Jesus Cristo passa ser um Deus para todo o mundo. A partir daí vão surgir todos os grupos de pregação, a começar pelos apóstolos que se dividem entre si, em diversos grupos, já que cada um deles, para espalhar a palavra de Cristo pelo vasto mundo, necessita ir para lugares ou rotas diferentes.

**O Reino perfaz a salvação em seu estado terminal.  
O mundo é o lugar da realização histórica do Reino.  
(BOFF, 1982, p.16)**

É assim que, já na fase final do Cristianismo primitivo, os apóstolos vão precisar de um formato teológico para pregação religiosa que até ali consistiria em relatos ou tradição oral.

Em se tratando do sentido da pregação cristã, nessa passagem da oralidade para escrita, encontramos 3 aspectos relevantes a considerar: no início, houve a experiência de criar uma espécie de “manual” ou “catecismo”, em que enfatizava a idéia principal do cristianismo, o qual pode ser resumido nas seguintes perguntas: 1) Quem é Deus?; 2) Qual é o plano de Deus para o mundo?; 3) Qual é o papel do homem dentro desse plano? Esse pequeno livro, *a Didaqué, elaborada na Síria nos anos 120 (...), a linguagem do opúsculo é simples e direta (...)* rememora os fatos fundamentais do cristianismo e celebra os acontecimentos da comunidade (HOORNAERT: 1994, ps.123-124) pelos primeiros apóstolos, podem ser facilmente encontrados ainda hoje em qualquer livraria cristã.

Em segundo lugar, numa fase posterior e ao referido livro, que se desperta como instrumento indispensável desta pregação, tivemos as “Cartas” ou “Escritos Epistolares” e só depois começarão a ser escrito os evangelhos. Alguns Apóstolos irão escrever cartas às comunidades cristãs interpretando os ensinamentos de Jesus. A função delas é o de apresentar às pessoas sobre como poderão viver melhores, mais próximos dos ensinamentos cristãos.

Um terceiro ponto a destacar em reflexão à passagem da oralidade à escrita cristã e se refere aos Evangelhos, que

tratam da história de Jesus e de sua pregação, fase em que o trabalho apostólico iria além da pregação teológica em si, se preocupando em dar a Jesus um lugar na história; ou seja, caracterizando-o como um alguém que tem começo, um meio e um fim. Cada um dos atos de Jesus nessa versão evangélica tem suporte em profecias, pregações e teorias do Antigo Testamento, que os Hebreus consideraram o único verdadeiro válido e importante até hoje, ignorando o valor do Novo Testamento, que não lhes servem. A divindade de Jesus não é aceita, porque continuam a esperar a vinda do Messias.

Esse preâmbulo serve aqui para situar, historicamente, o significado teológico da pregação particular com a pregação dirigida ao povo e aos jovens. Começamos por lembrar que alguns apóstolos e/ou seguidores mais diretos das palavras de Cristo eram jovens. João, por exemplo, deveria ter 15 a 16 anos de idade, quando começou a seguir Jesus. Ele era tão jovem que virá a ser o último apóstolo a morrer e autor do último escrito bíblico, que é o Apocalipse, quando se acredita que ele deveria ter findado o livro por volta dos 100 anos de idade.

Ficaria difícil nos marcos deste estudo situar de uma forma segura o momento exato da história do cristianismo em que a pregação da palavra de Deus teria sido, preferencial ou, especialmente, dirigida às crianças e jovens. Contudo, há muitas evidências e exemplos da Idade Média Européia, como em São Bento e São Francisco, em que reconhecemos a explosão de movimentos de renovação do cristianismo feito por segmentos muito jovens de fiéis, marcando a pregação com estilo próprio da juventude, como apresenta Jacques Le Goff, a respeito de Francisco de Assis:

(...) **levará para sua vida as paixões da juventude: a poesia e o gosto da alegria – poesia e alegria que de profana se farão místicas; a prodigalidade, que consistirá em espalhar não o dinheiro, mais a palavra, as forças físicas e morais, ele próprio, total; o ardor militante que permitirá a ele resistir s todas as provações e se lançar sobre todas as fortalezas erguidas no caminho. (LE GOFF: 2005, p. 62)**

Os jesuítas, por exemplo, para pregar o Evangelho partem da necessidade primordial de ensinar a crianças e jovens o catecismo. Essa noção de educação cristã está fortemente inscrita na famosa “Didática Magna” de Comenius, quando afirma que a salvação do mundo vem através da educação, tudo será feito para a redenção da sociedade e

que educar é educar as crianças e jovens, porque o adulto já está corrompido:

Um dos primeiros ensinamentos que a sagrada escritura nos dá é este: sob o sol não há nenhum outro caminho mais eficaz para corrigir as corrupções humanas que a reta educação da juventude (...) Com efeito para transplantar árvores velhas e nelas infundir fecundidade, não basta a força da arte. Portanto, as mentes simples e não ainda ocupadas e estragadas por vãos preconceitos e costumes mundanos são as mais aptas para amar a Deus. (COMÊNIO, 2000, ps. 62-64)

Essa noção de “educação salvífica”, como instrumento de redenção da sociedade é, portanto, muito disseminado na tradição teológica Cristã, é filosofia ocidental. A própria idéia de formação de padre de seminário, que recomenda um início na infância e/ou na adolescência, traz implícita essa recorrência à fase mais precoce da vida como momento ideal de cristianização. De modo geral, essa formação é fomentada em crianças quando a Igreja recomenda a preparação catequética para a Primeira Eucaristia, é a marca a entrada consciente da criança nas cristãs/católicas, ou ainda em cursos de preparação ao crisma.

Escritos de teólogos e documentos da Igreja Católica, no século XX, como os resultantes do “Concílio Vaticano II”<sup>3</sup> e do “Sínodo dos Bispos em Puebla”<sup>4</sup>, destacam a necessidade da atuação dos leigos e jovens no dia-a-dia eclesial, onde este último a Igreja da América Latina decretou opção preferencial pelos pobres e jovens:

Os jovens exercem uma influência da maior importância na sociedade moderna. (...) Este crescimento da sua importância na vida social exige deles uma atividade apostólica, dispondo-os a tanto igualmente sua índole natural. Amadurecendo a consciência da própria personalidade, e impulsionados pelo ardor da vida e pela atividade exuberante, assumem responsabilidades próprias e desejam participar na vida social e cultural. (...) Devem tornar-se eles os primeiros e imediatos apóstolos dos jovens, realizando o apostolado no meio deles e através deles, levando em conta o ambiente social e cultural” (Vaticano II, decreto Apostolicam Actuositatem:1376-1377)

A pastoral de juventude na linha da evangelização deve ser um verdadeiro processo de educação na

fé, que nos leva a própria conversão e ao compromisso evangelizador. (...) A pastoral deve ajudar também a formar os jovens de maneira gradual para a ação sócio-política e para as mudanças de estrutura, de menos em mais humanas, segundo a Doutrina Social da Igreja. (Puebla: 1194;1196)

Esses fragmentos de documentos católicos/cristãos servem aqui no esboço de um de literatura especializada como indicativo de que a ação pastoral da Igreja Católica, a educação de jovens perde-se no tempo, de modo que, o que observamos dessas práticas, no século XX, nada mais é do que uma espécie de continuidade da pregação teológica dos primeiros tempos; ainda que sejam resguardadas as suas especificidades, a cada época, percebe-se a importância dessa ação pastoral para a manutenção, preservação e perpetuação da cristianismo e da Igreja Católica, em particular.

## b) O Contorno pedagógico dos encontros de juventude

Grupos de jovens têm sido constituídos de forma muito freqüente desde o início. No Brasil nos anos 70 e 80 do século XX, encontramos uma farta literatura editada pela Igreja Católica ou por escritores/pensadores cristãos, à exemplo do Pe. Zezinho scj<sup>5</sup>, que representam nas duas décadas assinaladas, um dos principais autores de formação cristã da juventude. Nele encontramos os elementos fundantes de uma ação pastoral de juventude, que dão o formato de pedagogia por eles praticada.

Sairam pelas escolas, ruas, púlpitos, salões de baile, praias e avenidas avisando que, na Igreja de Jesus Cristo, era tempo de 'encontro' e 'reencontro'. (Pe. ZEZINHO: 1999, p 09.)

Em primeiro lugar, identificamos um forte chamamento moral e uma sensibilização para a adesão ao modelo filossófico teológico cristão, ou seja, da doutrina propriamente cristã, numa linguagem acessível e, sobretudo atraente para os jovens, onde se percebe a recorrência as canções populares, algo próximo de baladas, em que Jesus aparece como "amigo", um Deus acessível, que se distancia da imagem de um Deus Todo-poderoso, a quem se deve temer e respeitar. Ao ser transformado em amigo e jovem, confidente e aliado, Jesus se torna muito mais próximo das necessidades e signos da fase jovem da vida, o que será uma característica típica do tipo de ação pastoral praticado no Brasil.

Refrões do tipo: “*Eu sei que da verdade eu não sou dono, Eu sei que não sei tudo sobre Deus, às vezes, quem duvida e faz pergunta é mais honesto do que eu*”<sup>6</sup>, caracterizaram as letras das músicas e mostraram um padre que quebra a imagem tradicional de alguém que por pregar a palavra de Cristo é o dono inquestionável da verdade.

A atuação pastoral do Padre Zezinho pode ser vista hoje como o prenúncio de uma modalidade mais carismática e midiática da Igreja Católica, que incide, preferencialmente, sobre os segmentos jovens da população, que viria a crescer nas décadas seguintes e mostrar, ao mesmo tempo, a cisão de orientação existente no interior de uma instituição religiosa milenar, influenciada pelas recomendações e desdobramentos do Concílio Vaticano II e do Sínodo de Puebla (anteriormente citados). A questão primordial se referia à necessidade de garantir a sobrevivência da própria Igreja, como já enfatizamos antes, o que seria reforçado nos encontros e jornadas de juventude nas décadas em questão.

### c) Conseqüência intelectual e política

Na medida em que esses jovens foram assumindo responsabilidades junto às paróquias e grupos pastorais, também vai se desenvolvendo a intelectualidade, pois como percebemos na maioria dos relatos, surgiu para aqueles que se apresentavam nas pregações em diversos auditórios, a necessidade de embasamento filosófico-teológico que, para alguns, desenvolveu-se em direção a uma crítica social, reconhecidamente tímida, típica dos anos da abertura democrática, mas que formatou um discurso de tempero intelectual e uma práxis social. Ao mesmo tempo a restauração do movimento político estudantil e o debate mais aberto das causas sociais na universidade vão corroborar para uma mistura explosiva que levou muitos de nós para a vida político-partidária e a facilidade da oralidade adquirida nas horas de pregação, inclinou a um grande número das lideranças jovens pastorais ao magistério.

### Referências Bibliográficas

- AZZI, Riolando. **Ascensão ou Decadência da Igreja?** São Paulo: Editora das Américas, 1962.
- BOFF, Leonardo, **Nova Evangelização: perspectiva dos oprimidos**, 3ª ed. Fortaleza: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Igreja Carisma e Poder**, 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**, 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- BURKE, Peter. **Variiedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- COMÊNIO João A. **Didática Magna**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2000.
- DIDAQUÉ: **o catecismo dos primeiros cristãos**, 13ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- EPISCOPADO LATINO AMERICANO. **Peubla: Texto oficial das Conclusões da III conferência Geral do Episcopado Latino Americano**, 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 1982.
- HOORNAERT, Eduardo. **O Movimento de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**, 5ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- \_\_\_\_\_. **São Francisco de Assis**, 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LIMA, Luis Gonzaga de Souza. **Evolução dos Católicos e da Igreja no Brasil: hipóteses para uma interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- Pe ZEZINHO scj. **Meu Cristo Jovem: foi ficando adulto**, 10ª ed. São Paulo: Paulinas, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Alicerce Para um Mundo Novo: a fé explicada aos jovens**, 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 1976
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**, 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- VIER, Frederico ofm. (coord.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declaração**. Petrópolis: Vozes, 1980.

## NOTAS

<sup>1</sup> **José de Medeiros Neto**. Professor da Faculdade 7 de Setembro e Especialista em Educação Brasileira Contemporânea (UFC) e Mestrando em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

<sup>2</sup> Alex Polari é citado na abertura da obra “*Os Carbonários*” de Alfredo Sirkis, editado pela Global

<sup>3</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II, acontecido no pontificado de Papa Paulo VI, na cidade do Vaticano em 1968.

<sup>4</sup> Sínodo dos bispos da América Latina, acontecido no pontificado de João Paulo II, em Puebla no México em 1979.

<sup>5</sup> Pe. José Fernandes de Oliveira scj, autor de livros voltados para formação de jovens na doutrina moral cristã, nas editoras *Paulinas* e *Paulus*.

<sup>6</sup> Fragmento da música “Canção para um ateu”, de Pe. Zezinho scj, no disco: “Um certo Galileu” das Edições Paulinas.